

#FIQUEEMCASA(?): DISCURSIVIDADES SOBRE ISOLAMENTO SOCIAL NO BRASIL

#FIQUEEMCASA(?): DISCURSIVITIES ABOUT SOCIAL ISOLATION IN BRAZIL

Márcia Regina de Souza

Resumo: Muitas são as discursividades que constituem a pandemia da Covid-19, provocada pelo coronavírus. E pensando nas condições de produção específicas do Brasil, compreendemos que há uma disputa pelos sentidos, produzida no campo político e materializada, em especial, nas mídias digitais. Desse modo, nos propomos a analisar, pelo viés teórico da Análise de Discurso pêcheutiana/orlandiana, o modo como o discurso do isolamento social, significa para diferentes sujeitos. Para tanto, partimos da análise de sentidos associados à *hashtag* #fiqueemcasa, com o objetivo de compreender os gestos de identificação dos sujeitos com os discursos da saúde e da economia sobre o isolamento social, considerando que estes constituem duas das principais formações discursivas que regulam os sentidos da pandemia no Brasil.

Palavras-chave: Análise de Discurso. #fiqueemcasa. Formação discursiva. Saúde. Economia.

Abstract: There are many discursivities that constitute the Covid-19 pandemic, caused by the coronavirus. And thinking about the specific production conditions in Brazil, we understand that there is a dispute for the senses, produced in the political field and materialized, especially in digital media. In this way, we propose to analyze, from the theoretical perspective of Pêcheutiana / Orlandiana Discourse Analysis, the way the discourse of social isolation means for different subjects. For that, we started from the analysis of meanings associated with the #fiqueemcasa hashtag, with the objective of understanding the gestures of identification of the subjects with the discourses of health and economy on social isolation, considering that these constitute two of the main discursive formations that regulate the meanings of the pandemic in Brazil.

Keywords: Discourse Analysis. #fiqueemcasa. Discursive formation. Health. Economy.

1 Introdução

“Estamos todos no mesmo barco”, “o Corona vírus é democrático”, “a pandemia igualou a todos, sem distinção de classe”, “o vírus atinge a ricos e pobres da mesma forma”. Esses são alguns dos discursos que circulam acerca da pandemia da Covid-19 e produzem um imaginário de transparência da língua, ao significarem a pandemia como democrática por, supostamente, atingir a todos os sujeitos de forma igualitária, não fazendo distinção de classe, silenciando, assim, as diferentes condições de enfrentamento da doença causadas pelas

desigualdades sociais, que fazem com que, em muitas comunidades, por exemplo, as pessoas não tenham acesso, nem mesmo a água e sabão para a higiene das mãos¹, o que constitui a forma mais básica de prevenção ao vírus.

Nessa perspectiva, o olhar teórico da Análise de Discurso, nos permite enxergar além dessa aparente obviedade que se constitui em torno da pandemia e que passa a (re)significar, até mesmo, os sentidos mais cotidianos. Por exemplo, a casa passa a funcionar não só como o espaço de segurança, de proteção frente a ameaça do vírus, mas é (re)significada ao agrupar diversas atividades que antes eram distribuídas em espaços de socialização organizados de acordo com nossas necessidades. O trabalho vira *home office*; os estudos se tornam EAD ou *homeschooling*; as compras de alimentos passam a ser via *delivery*; as festas e encontros dão lugar a reuniões remotas por *softwares* de chamadas de vídeo e aplicativos de mensagens, dentre outras práticas que antes funcionavam como opcionais, como um modo de oferecer certa comodidade aos sujeitos e nas condições de produção atuais, se revestem de sentidos da pandemia e passam a funcionar como regra, como padrão, como normal, o “novo normal”.

Portanto, a Análise de Discurso nos permite analisar como língua, sujeito e história se articulam na produção de sentidos, tomando o isolamento social como objeto simbólico que significa por e para sujeitos, inscrito no acontecimento discursivo² da pandemia, uma vez que:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. (ORLANDI, 2015, p. 24).

No Brasil, a pandemia e o isolamento social ocorrem em condições de produção muito específicas, em que crise sanitária e crise política se confundem. O Brasil teve seu primeiro caso da doença Covid-19 confirmado pelo ministério da saúde, no dia 26 de fevereiro de 2020³.

¹ Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1789-o-acesso-a-agua-e-os-excluidos-da-prevencao-a-covid-19.html#.XxBqnChKjIU>. Acesso em: 16 jul. 2020.

² Tomamos a noção de acontecimento discursivo para pensarmos a pandemia, pois compreendemos que como explica Orlandi (2017, p. 106) “discursivamente, tratando-se de processos de significação, penso que o acontecimento pode ser concebido não pela singularidade – não há senão versões, afirmo –, mas pelo movimento e abertura ao acaso, no jogo com a necessidade. Os sujeitos fazem trabalhar o acontecimento – o fato novo – em seu contexto de atualidade e no espaço da memória que ele convoca, segundo Pêcheux (1990), e que já começa a reorganizar, pois remete a um conteúdo sócio-político, ao mesmo tempo perfeitamente transparente e profundamente opaco”.

³ Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Poucos dias depois, em 11 de março, quando o número de contaminados ultrapassou 118 mil casos em 114 países, com cerca de 4,2 mil mortes, a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que a doença provocada pelo coronavírus atingiu o estado de pandemia⁴.

Também em 11 de março, o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, publicou a portaria nº. 356, regulamentando as medidas de isolamento social, que não ocorreu de forma homogênea em todo o país, pois de acordo com o Art. 3º, § 1º:

A medida de quarentena será determinada mediante ato administrativo formal e devidamente motivado e deverá ser editada por Secretário de Saúde do Estado, do Município, do Distrito Federal ou Ministro de Estado da Saúde ou superiores em cada nível de gestão, publicada no Diário Oficial e amplamente divulgada pelos meios de comunicação⁵.

A partir de então, estabeleceu-se no campo político, uma disputa discursiva, representada, em especial, pelo Ministério da Saúde, ao defender o isolamento social como medida necessária para a prevenção ao vírus, e pelo Ministério da Economia e o presidente da república ao defenderem a flexibilização do isolamento em benefício da economia, como mostram as sequências discursivas das manchetes de alguns dos principais veículos midiáticos do país:

“Mandetta não corrobora descontextualização feita por Bolsonaro sobre OMS”.⁶

“‘Você vai matar o pessoal de fome’, disse Bolsonaro para Mandetta”.⁷

“Bolsonaro diz que demitiu Mandetta porque ele não entendeu a ‘questão do emprego’”.⁸

“Mandetta diz que Bolsonaro ‘exonerou a ciência’ ao demiti-lo”.⁹

⁴ Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 22 jul. 2020.

⁵ Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 22 jul. 2020.

⁶ Disponível em: <https://exame.com/brasil/mandetta-nao-corrobora-descontextualizacao-feita-por-bolsonaro-sobre-oms/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁷ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/voce-vai-matar-o-pessoal-de-fome-disse-bolsonaro-para-mandetta/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/16/bolsonaro-diz-que-demituiu-mandetta-porque-ele-nao-entendeu-a-questao-do-emprego>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/27/mandetta-diz-que-bolsonaro-exonerou-a-ciencia-ao-demitir-lo.ghtml>. Acesso em: 02 ago. 2020.

“Brasil perde segundo ministro da Saúde sob pressão de Bolsonaro para abrir economia e por uso da cloroquina”.¹⁰

“Bolsonaro torna Ministério da Saúde não essencial”.¹¹

“Bolsonaro incita atos contra isolamento social em SP: ‘Ordem absurda não se cumpre’”.¹²

“Brasil completa dois meses sem titular à frente do Ministério da Saúde”.¹³

Consideramos, portanto, pelo viés discursivo, que os fatos acima se configuram como algumas das práticas de linguagem que produzem o acontecimento discursivo da pandemia no Brasil, pois como descreve Pêcheux (1983), o acontecimento discursivo se constitui pelo encontro entre uma atualidade e uma memória, sendo a atualidade, aqui representada pelas condições de produção em sentido estrito (ORLANDI, 2015), isto é, o contexto imediato em que se dá a pandemia, que em nosso objeto, envolve um onde, que é o Brasil, os sujeitos e instituições que dão legitimidade ao estado de pandemia, como governo federal, OMS, Ministério da Saúde, os sujeitos contaminados pela doença, dentre outros e, ainda, os meios de comunicação, que fazem circular os sentidos da pandemia.

Já a memória, é representada por tudo que já foi dito no Brasil e no mundo sobre a pandemia e que produz sentidos nas condições específicas do nosso país. Além de sentidos produzidos por outras pandemias/epidemias, que significam no acontecimento atual como, por exemplo, a pandemia H1N1, ocorrida em 2009.

A memória de que trata a Análise de Discurso, não é a memória individual, de ordem psicológica, mas a “memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 50). Trata-se, portanto, de uma memória de sentidos, de um saber discursivo – interdiscurso – que produz no acontecimento, o entrecruzamento do novo e do diferente, abrindo para a possibilidade de novos sentidos, novos dizeres.

Considerando a disputa pelos sentidos da pandemia que se institui no campo político, que produz uma relação de oposição para saúde e economia, a produção e a circulação desses

¹⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-15/brasil-perde-segundo-ministro-da-saude-sob-pressao-de-bolsonaro-para-abrir-economia-e-por-uso-da-cloroquina.html>. Acesso em: 02 ago. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de-souza/2020/05/12/bolsonaro-torna-ministerio-da-saude-nao-essencial.htm>. Acesso em: 02 ago. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-incita-atos-contra-isolamento-social-em-sp-ordem-absurda-nao-se-cumpre/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

¹³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-completa-dois-meses-sem-titular-frente-do-ministerio-da-saude-1-24533078>. Acesso em: 02 ago. 2020.

discursos, ocorrem inscritas em pelo menos duas formações discursivas principais, considerando que a formação discursiva é, de acordo com Pêcheux ([1975] 2014, p. 147): “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada, em uma formação ideológica dada. Assim, identificamos uma formação discursiva constituída pelo discurso da saúde e uma constituída pelo discurso da economia.

Desse modo, nossa análise se dá pela observação de discursos em circulação na internet sobre o isolamento social, a partir dos *hyperlinks* gerados pelas publicações com a *hashtag* #fiqueemcasa, com o objetivo de compreender o modo como os diferentes gestos de interpretação dos sujeitos, frente ao isolamento social, produzem sentidos a partir de discursividades próprias do digital.

As *hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo da cerquilha, ou como é chamada popularmente, jogo da velha, que funcionam como um hiperlink que organiza as postagens por temas e direciona as pesquisas para uma série de publicações sobre o mesmo assunto. A primeira *hashtag* foi utilizada na rede social Twitter e popularizou-se nas demais redes sociais, como Facebook, Instagram e YouTube, por exemplo. As *hashtags* nos interessam enquanto objeto discursivo porque fazem parte da discursividade específica do virtual, do digital, do eletrônico, e segundo Cristiane Dias (2011, p. 58):

A discursividade do eletrônico não está nos objetos ou no acesso a eles ou no acesso à internet, ela é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações históricas.

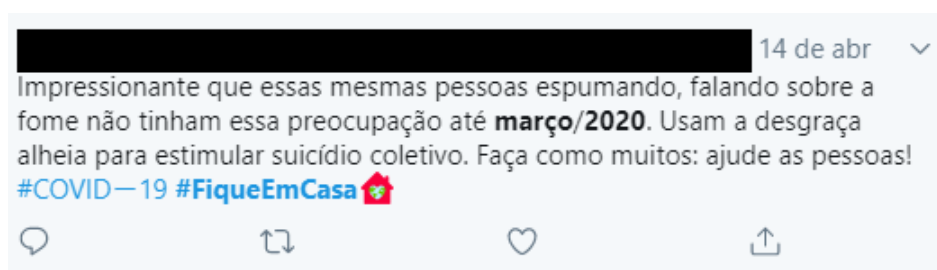
A *hashtag* produz uma relação específica do sujeito com o eletrônico, e no caso da #fiqueemcasa, que surgiu por volta do mês de abril de 2020, e que figurou entre os *trading topics*, do Twitter, isto é, entre os “assuntos do momento”, materializa nas redes sociais, os gestos de interpretação dos sujeitos frente ao isolamento social. Entretanto, ainda que esse agrupamento das postagens em torno de um mesmo assunto, produza um efeito de unidade, seus sentidos não são unívocos, considerando que as redes de sentidos que constituem a *hashtag* são diversas, pois dizem respeito aos gestos de identificação/desidentificação dos sujeitos com diferentes formações discursivas, das quais recortamos para análise, a da saúde e da economia.

Há, ainda, especificidades das diferentes redes sociais, que produzem diferentes relações de sentidos para o mesmo tema. No YouTube¹⁴, por exemplo, ao pesquisarmos pela *hashtag* #fiqueemcasa, somos direcionados para uma página em que, predominantemente, os resultados são de apresentações ao vivo de artistas, as chamadas *lives*, realizados durante a quarentena; no Instagram¹⁵, as postagens, em grande medida, são pessoais, de sujeitos que compartilham sua rotina no período de isolamento, bem como de divulgação de produtos e serviços, alternando-se com algumas postagens de teor político; o Facebook¹⁶ possui uma configuração bastante dinâmica, que alterna as características das duas outras redes sociais, possuindo, também, um grande número de postagens de teor político; já o Twitter¹⁷, ainda que possua características parecidas com as do Facebook, em relação às postagens com a #fiqueemcasa, “parece especialmente interessante por se mostrar como um local de ressonância de temas e discussões políticas que são divulgadas pelos mais diversos meios de comunicação”. (ROSSETO, CARREIRO e ALMADA, 2013, p. 191).

Por esse motivo, selecionamos quatro sequências discursivas (SD), postadas no Twitter, a respeito do isolamento social e relacionadas às discursividades da saúde e da economia.

2 Sentidos de #Fiqueemcasa

SD 1:



Fonte: Twitter 2020

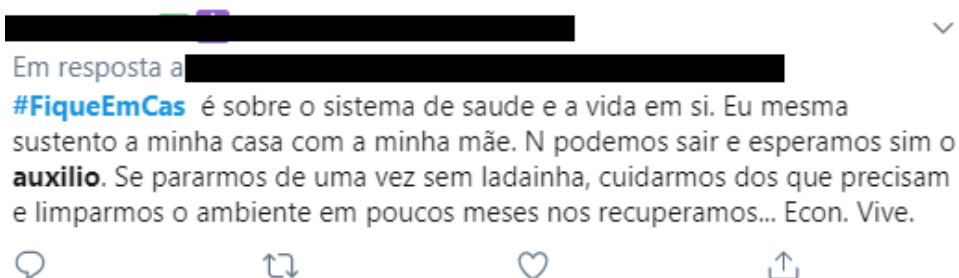
¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=%23fiqueemcasa. Acesso em: 29 set. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/fiqueemcasa/?hl=pt-br>. Acesso em: 29 set. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/hashtag/fiqueemcasa>. Acesso em: 29 set. 2020.

¹⁷ Disponível em: https://twitter.com/search?q=%23fiqueemcasa&src=typed_query&f=live. Acesso em: 29 set. 2020.

SD2:



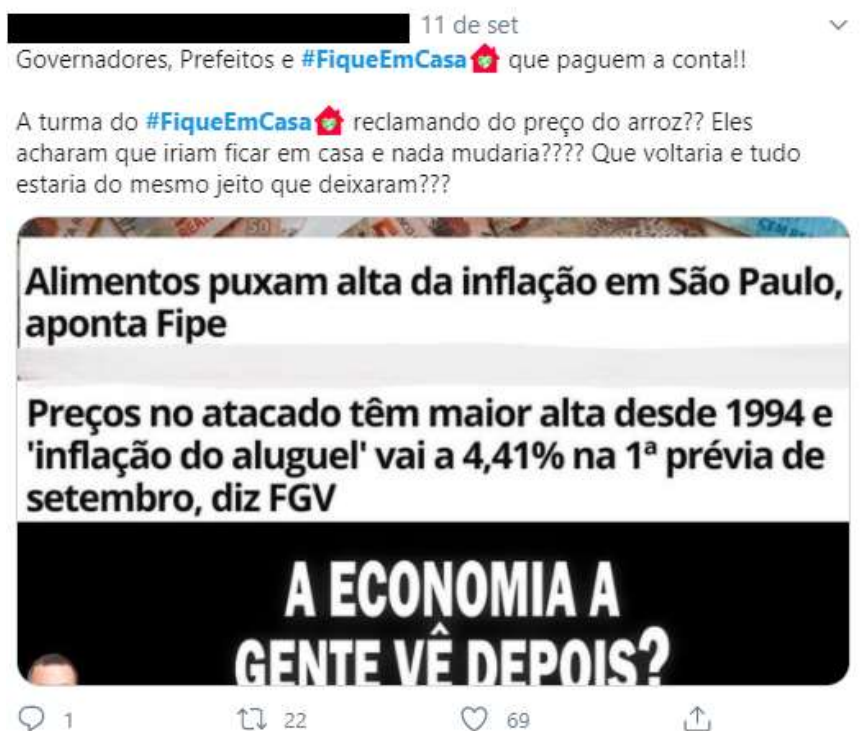
Fonte: Twitter 2020

SD 3:



Fonte: Twitter 2020

SD 4



Fonte: Twitter 2020

Recortamos da SD 1, o enunciado: “Impressionante que essas mesmas pessoas espumando, falando sobre a fome não tinham essa preocupação até **março/2020**”; da SD 2, “é sobre o sistema de saúde (sic.) e a vida em si. Eu mesma sustento a minha casa com a minha mãe. N (sic.) podemos sair e esperamos sim o auxílio (sic.)”. Já da SD 3, analisamos a relação entre texto e imagem, sendo que na parte superior da imagem, temos os enunciados “Fique em casa” e “Salve vidas”, logo abaixo, há a representação de três mãos estendidas, em um gesto de cobrança, das quais, ao longo de cada um dos braços, há uma palavra escrita, sendo a primeira “bancos”, a segunda “telefone” e a terceira “água”, representando as despesas básicas que os sujeitos possuem todos os meses. Essas mãos estão direcionadas a uma figura que simboliza um sujeito com uma expressão assustada, com suor escorrendo do rosto, retratando uma pessoa coagida, e o sujeito que realiza a postagem comenta: “Para a turma do #fiqueemcasa”.

Notemos, pelos enunciados mencionados, que nas três primeiras seqüências discursivas há uma regularidade que aponta para as desigualdades sociais, para as necessidades dos sujeitos mais vulneráveis como fator relevante nas discussões sobre o isolamento social no

Brasil. O que diverge são os gestos de interpretação dos sujeitos a respeito de como essas desigualdades são afetadas pelo #fiqueemcasa.

Na SD 1, o substantivo “fome”, significa as diferenças sociais que colocam sujeitos em condições precárias de enfrentamento da doença e os impossibilitam de praticar o isolamento social, devido à necessidade de continuar trabalhando para sobreviver, sejam eles trabalhadores formais ou informais. Além disso, o enunciado: “não tinham essa preocupação até março/2020”, aponta para as diferenças sociais como um problema recorrente no Brasil, mas que nas condições de produção atuais, se revestem de sentidos da pandemia e passam a significar como efeito do isolamento social, como se tivessem sido inauguradas a partir do acontecimento da pandemia.

Ainda na SD 1, o enunciado: “Usam a desgraça alheia para estimular o suicídio coletivo”, aponta para os riscos a que esses sujeitos se submetem para poder manter as condições básicas de sobrevivência, pois ainda que os sentidos de suicídio estejam associados a um gesto de causar a própria morte, ele não está significando, no enunciado, um gesto de vontade do sujeito trabalhador em se manter trabalhando na pandemia, mas funciona como uma figura de linguagem ao criticar o modo como a formação social capitalista induz os sujeitos a priorizarem o trabalho em detrimento da própria saúde, da própria segurança. Portanto, não se trata de uma escolha individual, mas da submissão dos sujeitos ao sistema capitalista, que faz com que estes priorizem o trabalho, mesmo colocando em risco a própria vida.

Isso se dá por um funcionamento da ideologia enquanto produtora de efeito de evidência (PÊCHEUX, [1975] 2014), produzindo nos sujeitos o imaginário de que as coisas só podem ser assim e não de outro modo, de que só há dois caminhos possíveis, ficar em casa e morrer de fome, ou sair para trabalhar e se expor ao risco de contaminação.

Portanto, compreendemos que a SD 1 produz sentidos inscrita na formação discursiva da saúde, pois reconhece os problemas econômicos caudados e/ou acentuados pelo isolamento social, mas defende a necessidade de sua manutenção como forma de contenção da doença, apontando no enunciado “faça como muitos: ajude às pessoas”, para uma responsabilidade coletiva no suporte às pessoas mais necessitadas, neste momento de crise.

A SD 2 também se filia à formação discursiva da saúde, ao apontar que “#fiqueemcasa é sobre o sistema de saúde e a vida em si”. O enunciado: “Se pararmos de uma vez sem ladainha, cuidarmos dos que precisam e limpamos o ambiente em poucos meses nos recuperamos”

produz sentidos, alinhado ao discurso da OMS, que classifica o isolamento social como a medida mais eficaz no combate ao vírus.

Ao contrário da SD 1, que sugere uma responsabilidade coletiva para a manutenção do isolamento e assistência aos mais necessitados, a SD 2 aponta para a responsabilidade do Estado, ao dizer: “N (sic.) podemos sair e esperamos sim o auxílio (sic.)”, referindo-se, ao auxílio emergencial oferecido pelo governo federal (não sem muita luta da oposição), aos trabalhadores informais e desempregados.

A SD 3, como descrevemos acima, significa a partir da relação entre imagem e texto, produzindo entre os textos “Fique em casa” e “Salve vidas” e a imagem, uma relação de oposição, pois a imagem contradiz o texto, produzindo um efeito da ironia que é próprio da construção da charge, isto é, a ironia faz com que a imagem produza um efeito divergente do que o texto diz. Desse modo, ao dizer “para a turma do #fiqueemcasa”, referindo-se à charge, o sujeito enuncia inscrito em redes de sentidos da economia, que significam o isolamento social e a sobrevivência dos mais vulneráveis economicamente, em uma relação de oposição, silenciando sentidos outros que apontam, por exemplo, para a responsabilidade do Estado no amparo a esses sujeitos em tempos de crise.

Já a SD 4, diz respeito a uma postagem em que o sujeito compartilha duas manchetes de notícias que anunciam o aumento da inflação: “Alimentos puxam alta da inflação em São Paulo, aponta Fipe”; “Preços no atacado têm maior alta desde 1994 e ‘inflação do aluguel’ vai a 4,41% na primeira prévia de setembro, diz FGV”, seguidas do enunciado “A economia a gente vê depois?”. Acima desses enunciados, o sujeito escreve: “Governadores, prefeitos e #fiqueemcasa que paguem a conta!!” e, logo abaixo, “A turma do #fiqueemcasa reclamando do preço do arroz?? Eles acharam que iriam ficar em casa e nada mudaria???? Que voltaria (sic.) e tudo estaria do mesmo jeito que deixaram????”. Há um efeito de ênfase no que está sendo dito, que é produzido pelo uso de mais de um ponto de exclamação e de interrogação nos enunciados.

As marcas que apontam para o embate entre os discursos da economia e da saúde nessa SD, estão, em especial, no enunciado “A economia a gente vê depois?”, que está relacionado ao movimento em defesa do isolamento social, fazendo alusão à frase dita pelo ex-presidente Lula em março deste ano: “Depois que a gente salvar o povo, a gente discute como salvar a

economia”¹⁸. Portanto, o questionamento “A economia a gente vê depois?”, produz sentidos na relação com as manchetes, indicando que, na interpretação do sujeito que enuncia, os problemas econômicos que causaram o aumento da inflação, são efeito do isolamento social. Esses sentidos são reforçados pelo enunciado “Governadores, prefeitos e #fiqueemcasa que paguem a conta!!”, do qual produzimos as seguintes paráfrases:

“A responsabilidade pela alta no preço de alguns alimentos, é dos governadores, prefeitos e pessoas que apoiaram o isolamento social”.

“A culpa pelo preço alto dos alimentos, é dos governadores, prefeitos e pessoas que insistiram para que todos ficassem em casa, em vez de trabalhar para manter a economia funcionando”.

O sujeito responsabiliza os governos estaduais e municipais que adotaram medidas restritivas para o combate ao coronavírus, bem como as pessoas que apoiaram o isolamento social, pela alta no preço dos alimentos, e podemos identificar pelo menos dois funcionamentos nesse discurso, um deles diz respeito ao gesto de interpretação do sujeito, que significa os problemas econômicos enfrentados pelo país, inscrito em redes de sentidos que se filiam à formação discursiva da economia, que regula os sentidos da pandemia.

O outro funcionamento, é da ordem do silêncio, pois como explica Orlandi (1995, p. 29):

O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evita-lo. Este gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente.

Desse modo, ao apontar para a crise econômica como sendo exclusivamente um efeito da pandemia, especialmente, do #fiqueemcasa, o sujeito apaga sentidos outros, dentre os quais estão não só demais fatores que influenciam o aumento nos preços dos alimentos¹⁹, como

¹⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeiro-salvamos-o-povo-depois-a-economia-diz-lula-sobre-coronavpçiiiiiiiiii888irus.htm>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/disparada-no-preco-dos-alimentos.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/09/09/arroz-e-oleo-mais-caros-entenda-por-que-a-inflacao-dos-alimentos-disparou-no-pais.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2020.

também, aspectos das condições de produção da pandemia, que impossibilitam a “normalidade” que o discurso prevê ao sugerir que se as pessoas não tivessem ficado em isolamento social, se todos tivessem continuado trabalhando para manter a economia funcionando, problemas como esses não teriam acontecido, apagando uma série de outros problemas que poderiam ser gerados, caso os governos estaduais e municipais não interferissem com medidas restritivas, como o colapso do sistema de saúde e um número ainda maior de mortos em todo o país, o que também geraria impactos negativos na economia, pois há o custo econômico do sistema de saúde²⁰, sem contar as vidas perdidas, que não podem ser consideradas apenas como números em meio a cálculos estatísticos.

3 Considerações Finais

Compreendemos, desse modo, que o discurso da economia e o discurso da saúde, no que diz respeito ao isolamento social no Brasil, estabelecem uma relação de litígio, de disputas por sentidos, ou como define Orlandi (2003), trata-se de um discurso polêmico, isto é, uma disputa entre locutores e interlocutores por uma “verdade”.

O embate discursivo que se estabelece no campo político, (re)produz, pelo efeito da ideologia, uma relação de dualidade para o isolamento social, como se só fosse possível salvar vidas ou salvar a economia. Mas como dissemos, a língua não é transparente, é sujeita a falha, ao equívoco, os sentidos sempre podem ser outros, entre ficar todo mundo em casa para salvar vidas, ou colocar todos nas ruas para salvar a economia, existe uma diversidade de outros sentidos silenciados nas condições de produção atuais do Brasil.

Mas como apontamos, algo é recorrente em ambos as discursividades, o acontecimento da pandemia, o gesto simbólico do isolamento social, colocaram as diferenças sociais do país no centro de um importante debate, pois escancara que em um país em que muitas pessoas não têm condições nem mesmo de manter a higiene básica, que não conseguem praticar o isolamento por viverem em condições de aglomeração em moradias e comunidades precárias, em que as pessoas precisam optar por manter a própria segurança ou colocar comida na mesa, não é possível fazer combate ao coronavírus, sem que isso perpassasse por justiça social. Pois

²⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/por-que-o-fim-do-isolamento-pode-nao-ser-o-melhor-para-a-economia-do-brasil.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

ainda que haja o auxílio emergencial para atender aos mais necessitados, essa é uma medida paliativa e temporária. Sem contar os sujeitos denominados “os invisíveis” do CadÚnico²¹, que constituem uma parcela da sociedade que não faz parte do cadastro do governo e que por uma série de motivos, não possui informações suficientes para ser incluída no benefício, dentre os quais, podemos destacar a falta de endereço, a falta de CPF válido, a falta de acesso à internet, etc.

O que nos mostra que, ainda que haja um efeito de transparência produzido por discursos acerca da pandemia, a partir de nossas análises, podemos identificar que o vírus não é democrático, que o efeito de igualdade em relação aos efeitos do coronavírus na sociedade é imaginário.

Logo, o isolamento social, materializado nas redes sociais pela *hashtag* #fiqueemcasa, produz para diferentes sujeitos, diferentes gestos de interpretação, fazendo com que um mesmo objeto simbólico produza sentidos diversos, significando de modos distintos para o empresário que precisa manter sua empresa funcionando; para o trabalhador formal que passa a exercer o *home office*; para o trabalhador informal que precisa se manter trabalhando para que outros fiquem em casa; para o trabalhador formal dos serviços essenciais que não podem parar; para os profissionais da saúde que estão na linha de frente do atendimento aos doentes; para o professor que tem sua casa invadida pela escola/universidade; para o aluno que precisa se adaptar a novas metodologias de ensino, etc.

4 REFERÊNCIAS

BOLSONARO incita atos contra isolamento social em SP: “**Ordem absurda não se cumpre**”. In: Carta Capital. 25 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-incita-atos-contraisolamento-social-em-sp-ordem-absurda-nao-se-cumpre/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

²¹ Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/governo-busca-manieras-de-incluir-os-invisiveis-no-auxilio-emergencial/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

Disponível em: [https://www.gazetadopovo.com.br/república/breves/ipea-11-milhoes-brasileiros-elegiveis-auxilio-emergencial-estao-invisiveis/#:~:text=Fora%20do%20Cad%C3%A9nico-Ipea%3A%2018%25%20dos%20brasileiros%20eleg%C3%ADveis,ao%20aux%C3%ADlio%20emergencial%20est%C3%A3o%20E2%80%9Cinvis%C3%ADveis%20E2%80%9D&text=Cerca%20de%2010%2C9%20mil%C3%B5es,governo%20federal%20para%20programas%20sociais](https://www.gazetadopovo.com.br/república/breves/ipea-11-milhoes-brasileiros-elegiveis-auxilio-emergencial-estao-invisiveis/#:~:text=Fora%20do%20Cad%C3%A9nico-Ipea%3A%2018%25%20dos%20brasileiros%20eleg%C3%ADveis,ao%20aux%C3%ADlio%20emergencial%20est%C3%A3o%20E2%80%9Cinvis%C3%ADveis%20E2%80%9D&text=Cerca%20de%2010%2C9%20mil%C3%B5es,governo%20federal%20para%20programas%20sociais.). Acesso em: 29 set. 2020.

BRASIL confirma primeiro caso de novo coronavírus. *In:* Ministério da Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 356, de 11 de março de 2020.** Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília, DF, Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRONZATTO, Thiago. **‘Você vai matar o pessoal de fome’, disse Bolsonaro para Mandetta.** *In:* Veja. 08 abr. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/voce-vai-matar-o-pessoal-de-fome-disse-bolsonaro-para-mandetta/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. **O acesso à água e os excluídos da prevenção à Covid-19.** *In:* Fiocruz. Rio de Janeiro, 11 mai. 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1789-o-acesso-a-agua-e-os-excluidos-da-prevencao-a-covid-19.html#.XxBqnChKjIU>. Acesso em: 16 jul. 2020.

DIAS, Cristiane. **Cidade, cultura e corpo:** a velocidade do mundo. Escritos, n. 10. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos10.pdf> >. Acesso em: 16 jul. 2020.

FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/hashtag/fiqueemcasa>. Acesso em: 29 set. 2020.

GIMENES, Erick. **Bolsonaro diz que demitiu Mandetta porque ele não entendeu a "questão do emprego".** *In:* Brasil de Fato. Brasília, DF, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/16/bolsonaro-diz-que-demitiu-mandetta-porque-ele-nao-entendeu-a-questao-do-emprego>. Acesso em: 02 ago. 2020.

GOVERNO busca maneiras de incluir os “invisíveis” no auxílio emergencial. *In:* R7. 13 jun. 2020. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/governo-busca-maneiras-de-incluir-os-invisiveis-no-auxilio-emergencial/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

INSTAGRAM. Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/fiqueemcasa/?hl=pt-br>. Acesso em: 29 set. 2020.

IPEA: 18% dos brasileiros elegíveis ao auxílio emergencial estão “invisíveis”. *In:* Gazeta do Povo. 01 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/república/breves/ipea-11-milhoes-brasileiros-elegiveis-a-auxilio-emergencial-estao-invisiveis/#:~:text=Fora%20do%20Cad%C3%A9nico-,Ipea%3A%2018%25%20dos%20brasileiros%20eleg%C3%ADveis,ao%20aux%C3%ADlio%20emergencial%20est%C3%A3o%20E2%80%9Cinvis%C3%ADveis%20E2%80%9D&text=Cerca%20de%2010%2C9%20milh%C3%B5es,governo%20federal%20para%20programas%20sociais>. Acesso em: 29 set. 2020.

JUCÁ, Beatriz. Brasil perde segundo ministro da Saúde sob pressão de Bolsonaro para abrir economia e por uso da cloroquina. *In:* El País, São Paulo, SP, 16 mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-15/brasil-perde-segundo-ministro-da-saude-sob-pressao-de-bolsonaro-para-abrir-economia-e-por-uso-da-cloroquina.html>. Acesso em: 02 ago. 2020.

LULA sobre coronavírus: 'Primeiro salvamos o povo, depois a economia'. *In:* UOL. São Paulo, SP, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeiro-salvamos-o-povo-depois-a-economia-diz-lula-sobre-coronavirus.htm>. Acesso em: 19 set. 2020.

MANDETTA diz que Bolsonaro 'exonerou a ciência' ao demiti-lo. *In:* G1. 27 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/27/mandetta-diz-que-bolsonaro-exonerou-a-ciencia-ao-demiti-lo.ghtml>. Acesso em: 02 ago. 2020.

MANDETTA não corrobora descontextualização feita por Bolsonaro sobre OMS. *In:* Exame. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mandetta-nao-corrobora-descontextualizacao-feita-por-bolsonaro-sobre-oms/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

MATTOS, Rodrigo. Por que o fim do isolamento pode não ser o melhor para a economia do Brasil. *In:* Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 2020. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/por-que-o-fim-do-isolamento-pode-nao-ser-o-melhor-para-a-economia-do-brasil.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. *In:* OPAS/OMS Brasil. 11 mar. 2020. Disponível em:
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 22 jul. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **A linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. – 12 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. DO FATO PARA O ACONTECIMENTO (DA DIFERENÇA À RESISTÊNCIA). In. **Eu, Tu, Ele**: Discurso e Real da História. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In.: **Papel da Memória**. Pierre Achard... [et al]. Tradução e Introdução José Horta Nunes. – Campinas. SP: Pontes. 1999, p. 49-57.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al]. 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. Título original: Les vérités la Palice, 1975.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução: Eni P. Orlandi. 7 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

POR QUE os preços dos alimentos estão disparando?. In: UOL. São Paulo, SP, 09 set. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/disparada-no-preco-dos-alimentos.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

ROSSETTO, Graça; CARREIRO, Rodrigo; ALMADA, Maria Paula. **Twitter e comunicação política**: limites e possibilidades. In: Revista Compólitica, n. 3, vol. 2, ed. julho-dezembro, ano 2013. Rio de Janeiro: Compólitica, 2013.

SALATI, Paula; TOOGE, Rikardy. **Arroz e óleo mais caros**: entenda por que a inflação dos alimentos disparou no país. In: G1. 09 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/09/09/arroz-e-oleo-mais-caros-entenda-por-que-a-inflacao-dos-alimentos-disparou-no-pais.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2020.

SOUZA, Josias de. **Bolsonaro torna Ministério da Saúde não essencial**. In: UOL. 12 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de->

REVELLI, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento

ISSN 1984-6576.

E-202112

16

souza/2020/05/12/bolsonaro-torna-ministerio-da-saude-nao-essencial.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.

SOUZA, André de; FERREIRA, Paula. **Brasil completa dois meses sem titular a frente do Ministério da Saúde**. In: O Globo. 15 jul. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-completa-dois-meses-sem-titular-frente-do-ministerio-da-saude-1-24533078>. Acesso em: 02 ago. 2020.

TWITTER. Disponível em: https://twitter.com/search?q=%23fiqueemcasa&src=typed_query&f=live. Acesso em: 29 set. 2020.

YOUTUBE. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=%23fiqueemcasa. Acesso em: 29 set. 2020.